

O Vampirismo na Novela de Lúcio Cardosoⁱ

Cristiano de Jesus Rosaⁱⁱ (UFS)

Resumo:

Na novela **Inácio** (1944), de Lúcio Cardoso, o personagem homônimo apresenta traços que são semelhantes aos do vampiro em sua forma de ser e se comportar, principalmente no que diz respeito à sua atuação como um parasita em relação aos demais personagens que participam da narrativa cardosiana. Ele utiliza a sedução como uma das principais armas para envolver o filho, Rogério Palma, e tê-lo como aliado contra Lucas Trindade, seu maior inimigo. Além do mais, por ser um estudo comparativo recorreu-se a Nitrini (2010) e Samoyault (2008), sobre noções de intertextualidade, já Cohen (2000) e Nazário (1998), no que se refere às teorias sobre monstros. Em síntese, *Inácio* não é um vampiro no rigor do termo, mas as suas ações permitem a um leitor com um olhar mais apurado a fazer uma possível aproximação com esta criatura.

Palavras-chave: Vampirismo, Lúcio Cardoso, Inácio.

Lúcio Cardoso (1912/1968), escritor mineiro foi alvo da crítica que a princípio lhe era simpatizante, por está voltado para a famosa *cor local*, ou seja, a vertente regionalista, a qual o autor engatinhou na literatura com dois romances, *Maleita* (1934) e *Salgueiro* (1935), os quais de certo modo lhe renderam prestígio e olhares afetuosos. Mas, após Lúcio valorizar outras temáticas, principalmente no que diz respeito à questão introspectiva, isto é, os problemas internos do homem, que se depara com um mundo caótico frente às desilusões de uma vida conturbada, então a admiração converteu-se em sucessivos ataques.

Além do mais, a novela *Inácio* (1944), a qual será analisada nesta pesquisa, compõe uma trilogia: *O enfeitado* (1954) e *Baltazar* (inacabada). Logo, Lúcio as incluiu na trilogia denominada de *O mundo sem Deus*, assim, ele insere em tais livros personagens que vivem em puro estado de danação, violência e delitos.

Em *Inácio*, percebe-se o clima alucinatório no qual vive o protagonista, Rogério Palma, que é acometido por uma febre terrível que sempre o deixa num estado de delírio. Rogério busca encontrar seu pai, Inácio Palma, para entender o motivo pelo qual ele o abandonara quando ainda era pequeno. Os sentimentos de Rogério oscilam entre o fascínio e o ódio, mas, à proporção que ele vai descobrindo atitudes indecentes que foram praticadas pelo pai no passado, percebe que é impossível criar qualquer laço de afetividade com ele. No final do livro, descobre-se que Rogério relatava todos os fatos a partir de um sanatório.

A proposta em questão centra-se na análise do personagem Inácio que durante o enredo homônimo se comporta como um vampiro que vive a se aproveitar de Rogério, seu próprio filho, já que o rapaz o adorava incondicionalmente e por tal fato chega a induzi-lo a matar um inimigo, Lucas Trindade, devido a uma briga do passado. Desse modo, pretende-se fazer uma comparação com Drácula, do livro homônimo (1897), de Bram Stoker em relação a algumas características vampirescas que se inscrevem em Inácio, a exemplo da sedução que é típica de tal monstro e a facilidade que possui para se transformar a cada situação que quer algo do outro, utilizando-se de diferentes máscaras.

Assim, o vampiro, personagem horripilante, tem assombrado diferentes gerações que o reinterpretem a sua maneira. A literatura e o cinema sempre vêm inovando esta

temática, mas mantêm vestígios do mito precursor de que “o vampiro é um sugador de sangue que se aproxima à noite de quem está dormindo e provoca-lhe morte lenta aspirando sua substância vital” (LECOUTEUX, 2005, p. 10).

Conforme Lecouteux os sociólogos apontam que a abordagem desta criatura tanto na literatura quanto em filmes está relacionada a assuntos ligados à morte, doenças, questões sexuais e religiosas. Por outro lado, o vampiro representa também questões políticas. Segundo o autor, a partir de 1741 na Inglaterra esta palavra passou a significar o mesmo que tirano, pois revelava o caráter opressor do líder que sugava a vida de seu povo (LECOUTEUX, 2005, p. 12).

Voltaire, [...] afirma que “os verdadeiros vampiros são os monges, que comem à custa dos reis e dos povos”. Karl Marx vê os capitalistas como sugadores de sangue, e em *Jonathan, os vampiros não morrem* (1970) Hans W. Geissendrüfer identifica Drácula com Hitler triunfante – uma maneira de dizer que as ideias nacional-socialistas são tão imortais quanto esses monstros –, enquanto Hans Heinz Ewers, em *Vampiro* (1912), assimila os não mortos-vivos aos judeus. Como observa muito justamente Klaus M. Schmidt: “Em virtude de sua natureza, Drácula, o anticristo, possui o poder de suscitar infinitas associações positivas e negativas”. (LECOUTEUX, 2005, p. 12).

Nessa perspectiva, Inácio da obra homônima de Lúcio Cardoso, se inscreve na narrativa como um vampiro, que suga o outro. Sendo assim, o personagem vive a manipular os demais, para tanto, utiliza-se da mentira como sua principal arma. Na narrativa, ele distorce os fatos sempre ao seu favor como uma maneira de ter Rogério sob controle.

Para Julio Jeha (2007, p. 20) os monstros possuem um caráter político, pois são responsáveis por fornecer regras. Neste sentido, “os grupos sociais precisam de fronteiras para manter seus membros unidos dentro delas e proteger-se contra os inimigos fora delas” (JEHA, 2007, p. 20). Dessa forma, o regulamento interno determina aquilo que o grupo deve fazer. Jeha ainda aborda que as fronteiras só existem como uma maneira de impor limitações a este grupo e rompê-las traria um desconforto, além disso, o autor afirma que o monstro representa a transgressão desses limites culturais.

Inácio na trama de Lúcio Cardoso é um personagem que transgredir as regras do seu mundo e impõe seu próprio regulamento. Assim, ele planeja e incentiva Rogério a matar Lucas Trindade devido a uma rixa do passado, então se percebe o quanto Inácio é um ser maquiavélico e monstruoso ao tentar convencer Rogério a cometer o crime em seu lugar:

– Rogério – disse Inácio, afetuosamente –, quer vir comigo, quer vir para sempre?

– É tudo que eu mais almejo nesta vida – respondi.

Então ele se inclinou sobre mim, inclinou-se tanto que seus cabelos roçaram os meus, e disse, num tom tão ardente e sufocado que sua voz parecia uma brisa morna roçando pelo meu ouvido:

– Tenho passagens para São Paulo. Partiremos esta noite. Mas vinguem-nos primeiro desta gente toda, Rogério, vinguem-nos para mostrar que somos fortes... que rimos de tudo [...]. Então, Inácio retirou alguma coisa do bolso e me fez um gesto por debaixo da mesa. Abaixei os olhos e vi nas suas mãos um revólver. (CARDOSO, 1984, p. 126).

Nesta passagem, Inácio se transforma num parasita que se aproveita de Rogério para executar Lucas e por um fim nos seus problemas. Neste sentido, Inácio

metaforicamente é o vampiro que precisa sugar a vida dos seres mortais para se manter vivo. Assim, como Drácula, ele se aproxima de suas vítimas com a intenção de lhes sugar. Rogério ao receber o revólver de Inácio para matar Lucas é como se ele não soubesse o que estava fazendo e comenta: “Devo repetir aqui que agia numa espécie de sonambulismo e que a presença de Inácio, como sempre, atuava sobre mim como se tivesse bebido uma droga” (CARDOSO, 1984, p. 128). O rapaz parece ser hipnotizado por Inácio, da mesma forma que Drácula hipnotizava Lucy como afirma Mina, amiga da moça: “Ali estava [...], algo alto e negro [...], horrorizada, gritei duas vezes [...]. Lucy não me respondeu” (STOKER, 2009, p. 135). Tanto Rogério quanto Lucy são enfeitiçados para que atendam os comandos de seus donos. Mas, no caso do rapaz, ele parece enfatizar tal estado como uma maneira de tirar um pouco da culpa de si, mas ao compactuar com seu pai, o jovem de certo modo concorda com o delito.

Além disso, durante o enredo, Inácio vai revelando seu aspecto monstruoso diante da percepção de Rogério. Ora ele é fonte de atração, ora ele lhe causa repulsa: “No dia seguinte, encontrei-me novamente com Inácio. Não sabia dizer se aquele homem me atraía ou causava repulsa. O certo é que suas possibilidades causam-me uma singular fascinação” (CARDOSO, 1984, p. 101). Dessa forma, Jeffrey Jerome Cohen em seu texto “A cultura dos monstros: sete teses” (2000) afirma que o monstro é capaz de nos suscitar um sentimento contraditório entre a atração e a repulsa. Cohen diz que “nós suspeitamos do monstro, nós o odiamos ao mesmo tempo que invejamos sua liberdade e, talvez, seu sublime desespero” (COHEN, 2000, p. 48). De acordo com este autor, na verdade o monstro nos desperta diversos sentimentos confusos desde a suspeita, ódio, inveja e angústia.

A atração que Rogério tem por Inácio, o impossibilita de fugir desse sentimento que o arrasta para o abismo e de enxergar o verdadeiro Inácio por trás da máscara de bom moço:

[...] como Inácio era grande, como a sua personalidade me parecia fabulosa, quase mitológica. Não tardaria muito que ele assumisse para mim um aspecto de um deus [...]. Não direi que tenha escolhido um ídolo de cera, e muito menos de ouro, mas, ao pensar hoje no que me atraía tanto naquele homem, encontro, entre vários elementos que aos meus olhos o transformava num paradigma de perfeição. (CARDOSO, 1984, p. 90-91).

Esta observação de Rogério sobre Inácio o torna um ser perfeito, incapaz de maldade, um deus e o jovem o descreve com tamanha afeição, que chega realmente a diferenciá-lo dos demais indivíduos. Esta atração deixava Rogério aturdido, sem reação alguma: “Inácio saltou na frente e aspirou o ar, a plenos pulmões. Saltei também, um pouco atordoado. A presença daquele homem atuava sobre mim como um tóxico” (CARDOSO, 1984, p. 100). O rapaz sempre ficava desorientado diante de Inácio e aparentava perder os sentidos a partir de um clima de alucinação.

O controle que Inácio mantinha sobre Rogério era bastante incrível, o rapaz era tragado por esta atração que o desorientava: “Inácio sondava-me. Feliz, eu cedia às suas perguntas, entregando-me com a confiança de quem se depara com o primeiro amigo” (CARDOSO, 1984, p. 102). Rogério se sente protegido por Inácio e não consegue se livrar dessa presença que facilmente lhe atraía e passava confiança. Nota-se que Rogério estava tão atraído por ele que nada mais o interessava: “Durante um minuto contemplei-o fascinado. O calor que se desprendia dele vinha até mim e contaminava-me como uma vaga escarlate” (CARDOSO, 1984, p. 126). Na verdade, Rogério parece se dirigir sempre a Inácio como alguém difícil de resistir. Esta atração que o rapaz sente pelo pai,

é descrita algumas vezes na narrativa como sensual, ou até mesmo sexual. Então, percebe-se ainda um desejo incestuoso que parte de filho (Rogério) para pai (Inácio).

Inácio, da mesma forma que Drácula, é atraente, uma qualidade que é intrínseca aos vampiros. Drácula, apesar de se apresentar como um ser maligno, também exalava atração, de acordo com a personagem Mina: “Seu olhar era tão duro e tão penetrante [...]. Seus traços fisionômicos eram duros, cruéis e sensuais” (STOKER, 2009, p. 254).

Inácio e Drácula são sensuais e cruéis. No caso de Inácio, ele seduz para conseguir tudo o que quer e sabe fazer dos momentos simples coisas extraordinárias para impressionar a Rogério, pois, para o rapaz tudo se tornava tão singular e verdadeiro nos gestos deste indivíduo:

[...] sua facilidade, seu poder de arrancar as coisas do vazio, de produzir tudo como um feiticeiro com a sua varinha, como alguém que faz explodir um fogo de artifício... Devo declarar que, nele, uma das qualidades que mais me impressionavam era a sua capacidade de transfiguração. (CARDOSO, 1984, p. 101).

Nota-se que Inácio sabe criar momentos que lhes são favoráveis para atrair a atenção de Rogério, é tanto que o rapaz chega a dizer que ficava impressionado com a capacidade de transfiguração que ele tinha. Para Cohen os monstros são seres “que perturbam, cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incuí-los em qualquer estruturação sistemática [...] que ameaça explodir toda e qualquer distinção” (COHEN, 2000, p. 30). No romance *Drácula*, o Conde vampiro pode assumir diferentes aspectos como exemplifica o Dr. Van Helsing:

Tem, além disso, a faculdade de transformar-se num lobo, como podemos deduzir de sua chegada a Whitby, onde eviscerou um cão. Pode ainda apresentar-se sob a forma de um grande morcego, como a Sra. Mina o viu através da vidraça, em Whitby, e como o amigo John o viu fugir do casarão vizinho e o amigo Quincey o surpreendeu adejando junto à janela da Srta Lucy. Querendo, é-lhe possível surgir envolto numa nuvem de denso nevoeiro, criado por ele mesmo, circunstância sob a qual o viu o nobre capitão a bordo, em alto-mar. (STOKER, 2009, p. 356).

Já Inácio, ele se transforma em indivíduos diferentes a cada situação como uma forma de atrair Rogério e trazê-lo para seu lado definitivamente. Por isso, Inácio realmente fazia coisas que o deixavam extasiado, por exemplo, “comprava flores que mais adiante atirava no chapéu de um mendigo, distribuía balas às crianças que o assaltavam à porta dos cinemas, cumprimentava galantemente, na rua, senhoras que nunca tinha visto antes” (CARDOSO, 1984, p. 101). Mas Inácio buscava realizar estas ações como uma forma de passar outra imagem de si para Rogério, já que Lucas contara ao rapaz que ele era um monstro e causador de toda a destruição na vida de Stela, mãe do jovem:

Há, entretanto, algo que ele não lhe revelou, isto é, que a destruição de Stela, pois realmente houve uma destruição, o causador foi ele [...] Ele é quem atirou na vida em que ela morreu, ele é quem criou a respeito dela as mais absurdas histórias, com que a manchou e aniquilou para sempre, ele é quem construiu o caso desse adultério (CARDOSO, 1984, p. 117).

Seria impossível Rogério acreditar nas palavras de Lucas diante de tanta situação extraordinária articulada por Inácio. Como poderia um indivíduo tão fabuloso e gentil

cometer qualquer maldade? Além do mais, é evidente que Inácio a qualquer custo se dispõe a fascinar Rogério por meio de uma boa conduta.

Sendo assim, verifica-se que Inácio se assemelha a Drácula, principalmente por sua atuação como um parasita, além disso, ele consegue enganar suas vítimas com tamanha facilidade, tendo como as suas principais armas a mentira e a sedução. Esta última o aproxima ainda mais do vampiro por apresentar a mesma sensualidade monstruosa, desse modo é possível conectá-los. Assim, no que diz respeito às ideias da intertextualidade, Sandra Nitrini ressalta que nenhum texto se constrói a partir de um discurso monológico, estático e imóvel, muito pelo contrário, o texto passa a ser visto como uma estrutura móvel e infinita, por meio das combinações e recombinações semânticas. O processo textual adquire um caráter híbrido por se constituir através de fragmentos de outros enunciados que são invocados e ressignificados no novo discurso (NITRINI, 2010, p, 159). Então, a comparação que se faz de Inácio com Drácula, torna-se pertinente, porque as ações de ambos permitem aproximá-los, ou seja, tais personagens compartilham da mesma essência vampiresca.

De acordo com as análises realizadas no *corpus* do trabalho, o personagem Inácio possui algumas características presentes em Drácula. Assim, Inácio atua como um parasita se aproveitando de Rogério, principalmente quando consegue se aproximar do rapaz e tenta transformá-lo num criminoso, induzindo-o a matar Lucas.

Rogério ao mesmo tempo em que se sente atraído por Inácio, em alguns momentos da narrativa lhe tem aversão. Além disso, os vampiros têm esta grande facilidade de seduzir suas vítimas, outro ponto que Inácio possui em comum com tais monstros. Por este viés, pode-se perceber uma ligação entre os personagens. Segundo Tiphaine Samoyault, ao se referir à intertextualidade, enfatiza que o texto é móvel, por isso é possível estabelecer comunicação com outros enunciados, sendo assim, ambos os personagens se assemelham por ser cruéis e sugar o outro (SAMOYAULT, 2008, p. 11).

Em suma, Inácio se torna semelhante a Drácula por meio de suas atitudes vampirescas, como ficou visível durante as análises desta pesquisa, pois, segundo Samoyault, a intertextualidade “permite compreender e analisar uma característica maior da literatura, o perpétuo diálogo que ela tece consigo mesma; não um simples fenômeno entre outros, mas seu movimento principal” (SAMOYAULT, 2008, p. 14). A autora nos faz pensar a literatura como uma escrita inacabada, certamente a cada leitura vem uma possível escritura baseada naquilo que já foi dito, mas de maneira transformada – criativa.

Referências Bibliográficas

- [1] BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 413-415.
- [2] CARDOSO, Lúcio. *Inácio*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
- [3] CARDOSO, Lúcio. *Inácio, O enfeitado e Baltazar*. Prefácio e organização: André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- [4] COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

- [5] HUTHCHEON, Linda. In: _____. A intertextualidade, a paródia e os discursos da história. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 163-182.
- [6] JEHA, Julio (org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- [7] LECOUREX, Claude. *História dos vampiros: autópsia de um mito*. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- [8] NAZÁRIO, Luiz. In: _____. A integração do vampiro. *Da natureza dos monstros*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. p. 71-83.
- [9] NITRINI, Sandra. In: _____. Conceitos fundamentais. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p. 125-182.
- [10] SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Tradução: Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 9-45.
- [11] SANTOS, Cássia dos. *Polêmica e controvérsias em Lúcio Cardoso*. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2001.
- [12] STOKER, Bram. *Drácula*. Tradução: Theobaldo de Souza. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ⁱ Este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado em Letras, *As metamorfoses do vampiro na trilogia de Lúcio Cardoso*, da Universidade Federal de Sergipe, a qual se encontra em andamento.

ii **Cristiano Rosa, Mestrando.** cristianoliteratura@yahoo.com.br
Universidade Federal de Sergipe (UFS)